

# O genoma urbano de Lisboa

João Seixas

*Investigador. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*

«Em Ersília, para estabelecer as relações que governam a vida da cidade, os habitantes estendem fios entre as esquinas das casas, brancos ou pretos ou cinzentos ou pretos e brancos, conforme assinalem relações de parentesco, permuta, autoridade, representação.

Quando os fios são tantos que já não se pode passar no meio deles, os habitantes vão-se embora: as casas são desmontadas; só restam os fios e os suportes dos fios.

Da vertente de um monte, acampados com as mobílias, os refugiados de Ersília vêem o intrincado de fios estendidos e de postes que se ergue na planície. Isto é ainda a cidade de Ersília, e eles não são nada»

Italo Calvino, *As Cidades Invisíveis*

## *Lisboa, Ontem e Hoje*

Logo após o Grande Terramoto de 1755, com a escolha da quarta proposta de Manuel da Maia para a reconstrução da Baixa, o coração de Lisboa tornou-se, inadvertidamente, numa das primeiras expressões urbanas do espírito iluminista e racionalista que começava então a despontar<sup>1</sup>. Cem anos antes de Cerdá e de Haussmann, a visão racionalizadora e planificadora sobre a cidade, em grande escala, materializava-se em Portugal – não tanto por enlevo da sociedade portuguesa da época, antes pelo engenho e contemporaneidade de um punhado de homens. Estes (e mais alguns, mas não os suficientes), em paralelo com o advento do que se tornaria um novo paradigma da história da civilização humana: a era industrial. Uma era que se foi consolidando, não sem duras batalhas, ao longo dos séculos XIX e XX, e que, para as dimensões da cidade e das suas ideias, ficou profundamente marcada, nas razões e nas acções, por três pilares: a afirmação do pensamento científico-racionalista e económico-positivista (construindo novas estruturas sociais, culturais e mesmo espirituais); a consolidação dos Estados-nação, como garantes da política, da estabilidade e da providência; e novas visões sobre a cidade, baseadas em concepções morfológicas e urbanísticas de desenho e de planeamento, por via do desenho, da forma e da separação das funções. Uma trilogia de paradigmas a que o urbanista francês François Ascher chamou de fordiano-keynesiano-corbusiana<sup>2</sup>.

Mesmo se com o seu ritmo muito próprio, como todas as demais grandes cidades também Lisboa se transformou em duzentos anos de uma sempre crescente afectação de homens e de bens aos novos ou renovados espaços de vida e de produção. Não obstante a força destes tempos, pode-se dizer que esta foi, até recen-

temente, uma evolução consideravelmente concertada. Em dois séculos, da nova e iluminista Baixa aos bairros modernistas de Alvalade ou dos Olivais, de Manuel da Maia a Ressano Garcia e a Duarte Pacheco, aquém e além das suas velhas muralhas, em conjunto com os investimentos da burguesia e do Estado e com a atracção contínua de gente pelas oportunidades e anseios da cidade, Lisboa mantém, desenvolve mesmo, uma forte integridade do seu *ethos*.

Esta composição semiconcertada entre Cidade e Desenvolvimento, começa, porém, a alterar-se após o vendaval da grande guerra dos anos 40. A queda do muro de Berlim, exactamente 200 anos depois da tomada da Bastilha, representará finalmente, de forma bela e suprema, o surgimento de uma outra era, de um outro ambiente – do qual ainda pouco percebemos o alcance. Muitas cidades europeias, todavia, têm estado despertas aos sinais deste novo ambiente, seja por zelo calvinista ou por garra latina. Lisboa, porém, permanece desatenta, primeiro envolta num regime ditatorial mesquinho e redutor; depois numa democracia com outras prioridades e anseios – e sem qualquer novo terramoto que a sobressalte. Levada sem leme pelos ventos da história, a cidade irá mudar, e mudar muito, sem verdadeiramente perceber quanto nem procurar comandar o seu próprio destino. Primeiro de maneira relativamente subtil nos anos 1960-1970 (como bem mostra a relativa desordem de bairros como Benfica ou as primeiras periferias), depois de forma mais consistente nos anos 1980-1990 (com a explosão das urbanizações). Uma completa transformação, de resto, e se continuarmos na nossa metáfora da Baixa, em paralelo com a completa transformação ocorrida no seu anteriormente muito activo coração, que se foi debilitando em quase todas as suas estruturas (não tanto a da Identidade, realce-se) sem se aperceber (ou não desejando aperceber-se) do que se passava.

E hoje? Hoje, Lisboa busca ainda o seu destino. Passados já mais de 250 anos sobre o grande risco de Lisboa, traçam-se projectos mil e, especialmente, construções ultra sobre os seus territórios. Telheiras, Oeiras e Cascais tomaram boa parte da elite das Avenidas, Chelas desespera ainda por um destino condigno, o Parque das Nações é já adolescente (mas ainda não adulto). Sobretudo, a cidade de hoje é um enorme corpo-metrópole, estendida Lisboa, grande região espaciorelacional, de forma quase indefinida e ilimitada, muito para além das suas velhas colinas, margens ribeirinhas e fronteiras administrativas, assim como muito para além de qualquer lógica de evolução estruturada por simples determinismos racionalistas, ou relações directas de causa-efeito. Lisboa, hoje, é um paradoxo. Tantas vezes pináculo da realização humana, mítica e desejada Tróia, contendo – como sempre – do melhor e do pior, Lisboa encontra-se muitas vezes sentida como uma Hydra<sup>3</sup> imparável e cruel, espaço de desencontro de pessoas, doentio resultado de uma descontrolada evolução. Mas, aqui e ali, a cidade também vai sendo, afinal, percebida como sem dúvida merece: como ser que cresceu e que tem os seus ritmos e os seus bairros, como vital ecossistema com mil redes e sequências, como grande espaço aberto e público (físico e psíquico). Como estrutura-habitat, onde devem vigorar todos os direitos e todas as oportunidades, como capital maior de uma sociedade inteira. Que necessita, precisamente, de assim ser tratada e qualificada. Para o encontro das suas gentes, e assim para a sua boa saúde.

### ***A Genética Mediterrânea***

Creio que valerá a pena fazer uma pergunta muito simples: O que é uma cidade? Como há alguns anos disse Jordi Borja (um dos principais obreiros das transformações recentes de Barcelona), a cidade é a realização humana mais complexa alguma vez concebida. Complexidade e humanidade. A Cidade é uma magnífica construção física, social e cultural, que cada geração recebe da história: há quase dez mil anos as primeiras cidades surgiam no Crescente Fértil e na Anatólia, sobretudo como locais de relação e de sinergia. Que, por sua vez, resultaram em locais de poder, de emancipação, de cultura. Foquemos a relação: Platão

argumentava que os governos da cidade deveriam variar de acordo com as disposições da sua cidadania – a *Polis* era entendida não tanto pelo seu território, antes pelos seus cidadãos e suas estruturas relacionais. Ora, se a cidade são os cidadãos e suas formas de relacionamento, estes são então a própria política. A cidadania forma-se na vivência e na aprendizagem em conjunto: o sagaz Aristóteles denominou de *synoikismus* à sinérgica e vital condição humana do «viver em conjunto». A essência sob a qual a *Polis* se afirma: o homem, sendo habitante da cidade, é naturalmente um animal político – e só através da sua participação na comunidade, se torna verdadeiramente humano. É, assim, plena de simbolismo a constatação de que o nome da cidade de Atenas proveio de Atenienses (os adoradores da deusa Athena) e não vice-versa.

Complexidade e humanidade. O magnetismo da cidade provém, sobretudo, do seu carácter intrinsecamente paradoxal: esta é, em simultâneo, um espaço de encontro e de construção, mas também de desencontro e de desconstrução – estando aqui a essência do seu fascínio, como notavelmente observou Vítor Matias Ferreira<sup>4</sup>. Contém do melhor e do pior. Como nós, humanos. Metáfora maior da própria condição humana – e Lisboa, metáfora maior da condição portuguesa? – a cidade não pode, portanto, ser vista de forma simplista. Porque, como dizem os poetas, existe uma cidade em cada espaço, em cada momento, em cada cidadão. Na cidade, as multiplicidades (delicioso termo) são infinitas – e está aqui, certamente, um dos seus mais estimulantes efeitos: o de a sentirmos (e pressentirmos) como elemento múltiplo, caleidoscópico, universo de sequências helicoidais de estruturas, de ritmos e de expressões. Lisboa é assim, por natureza, um ser vivo. Uma heteronímia infinita, uma enorme cidade de cidades.

Como grande urbe de funda matriz mediterrânea – mesmo se situada diante do Atlântico – filha de Roma e de Atenas, a identidade de Lisboa funde-se neste carácter múltiplo, relacional, intercultural. Orlando Ribeiro apelidou-a de «última das cidades mediterrâneas»<sup>5</sup>, esteio ocidental num retrato de família que inclui Roma, Istambul, Veneza, Nápoles, Barcelona, Alexandria e Argel, entre outras. Entre os seus traços comuns mais marcantes, realçam-se as características de importantes entrepostos de intercâmbio de bens e serviços, de culturas e de ideias. Juntando três elementos vitais de conexão – uma vastidão marítima para o comércio, um rico *hinterland*, e uma população concentrada e disponível para a actividade relacional. Formando, assim, espaços e dinâmicas de passagem e de permanência, característica dual talvez mais vincada na alma portuguesa pela maior distância face aos seus principais cais de chegada.

Cidade de génica mediterrânea, e não obstante os desvarios a que tem sido levada, Lisboa continua com uma particular natureza para pugnar, justamente, pelos valores mais vitais das urbes do *mare nostrum*: os valores do habitat, da complexidade, da diversidade. Promovendo, nos seus múltiplos bairros, uma densidade de troca de ideias, de expressões, de diálogos e de partilhas. Será esse, antes e ainda hoje, um dos maiores legados do Mediterrâneo – ainda para mais quando este se funde com a porta Atlântica.

### ***O Genoma de Lisboa***

Esta matriz genética de Lisboa contém as suas sequências, os seus genes, as suas inter-relações. No fundo, talvez como um genoma.

Decerto, falar de genoma urbano poderá não parecer mais do que um mero exercício metafórico, simpaticamente apoiado numa semelhança lexical. Mas humano e urbano, homem e cidade, estão desde há pelo menos oito mil anos, e para um número enormemente crescente de indivíduos no nosso planeta, tão ligados como ser e viver. Como indivíduo e sociedade.

O genoma: um código complexo, multidão de instruções e interligações de um vasto organismo, estrutura de comunicação de informações, de forças e de valores, de elementos de memória. Estas são, também, as infinitas dimensões do cognitivo, do conhecimento e do pensamento. Das próprias ideias, da sua errância, do seu enaltecimento.

A cidade: também um organismo, e um organismo fortemente complexo e cognitivo. De forma alguma um organismo fechado, o que seria a negação de si próprio. Um organismo que existe e se desenvolve também de forma darwiniana, em processos de lenta ou rápida evolução das suas células vivas, por absorção e por aprendizagem, por fusões repentinas ou planeadas que o fazem erguer para novos ambientes e novos desafios. Um organismo pleno de conhecimento e de pensamento, de forças e valores, de ideias e de memórias, de múltiplos e sucessivos «eus», em códigos de sentido (como Deleuze afirmava). Códigos que tanto revigoram como definham, é certo. Mas, seguramente, códigos de evolução.

Da pequena célula da intimidade ao metabolismo da troca e da convivência, da molécula do bairro à clonagem de subúrbios, da simbiose da diversidade ao tráfego sanguíneo, enfim, do oxigénio do espaço público às doenças de acções egoístas e excludentes, a cidade e os seus códigos necessitam, talvez mais do que nunca, da nossa especial e redobrada atenção. Entender o genoma urbano de Lisboa, sustentar a sua matriz genética, a sua existência e o seu vigor, será condição essencial para a nossa própria existência, saúde e felicidade.

### *Lisboa, Amanhã*

O nosso maior capital são as cidades, disse Jane Jacobs, entre os seus vivos apelos à diversidade e multiculturalidade, à valorização dos territórios do quotidiano, aos factores vitais de *synoikismus*.

Todos sentimos que o mundo mudou. Seria absurdo ir contra a ordem evolutiva das coisas. Como lembra Alain Touraine, o fim de um mundo não é o fim do mundo. E, se o futuro não se pode prever, pode-se – e deve-se – preparar. Em Lisboa, devemos planear e fazer o nosso melhor por modelos de evolução mais equilibrados, mais equitativos, mais sustentáveis. Mais saudáveis. A atenção à cidade em Portugal ainda pode muito bem ser empreendida e, apesar de tantos erros já feitos, continua a ser uma absoluta, e magnífica, necessidade de evolução civilizacional. Tratemos, assim, da cidade, coloquemo-la no centro. E estaremos a tratar de todos nós.

É por esta ordem de questionamentos que, em central medida, residirá o nó górdio do futuro de Lisboa – na ultrapassagem da sua «crise de destino», e na sua valorização como múltipla sociedade local, no seu conjunto e em cada um dos seus bairros. Existem, já hoje, múltiplas propostas para empreender em Lisboa nesse sentido. A estruturação de uma governação à escala da grande cidade – o futuro da metrópole depende, acima de tudo, da sua governabilidade. A construção de uma cultura de visão e de estratégia de cidade, para Lisboa saber o que quer e o que não quer, e que assim vincule a acção pública e colectiva. Suportando, desde logo, um pleno «Direito à Cidade» para todos. Uma cultura de participação cívica, mais transparente e mais permanente, que inclua os principais actores da cidade e as mais variadas expressões de cidadania. Um tipo de estruturas de governo verdadeiramente próximas em simultâneo dos valores da ética e da responsabilidade, e dos espaços da vida e da cidadania. A atenção basilar ao desenvolvimento social e económico, entendido como emancipador de oportunidades, da inclusão e coesão social, e da própria criatividade. Um novo tipo de planeamento e de urbanismo, que realce acima de tudo o quotidiano, os espaços de encontro e de criação, valorizando a diversidade, a multifuncionalidade e a sustentabilidade. Enfim, uma afirmação política da cidade como ente plural, que sustenta valores, que tem uma estratégia, que trabalha para a sua qualificação e sustentabilidade, no seu âmbito e no do próprio planeta.

Ontem raiz civilizacional, o Mediterrâneo mostra ser, hoje, uma das principais charneiras dos desafios da humanidade. Lugar de particular sensibilidade perante as decisões em torno do nosso futuro comum, encontrando-se (como quase sempre) na encruzilhada entre diferentes culturas e estádios de desenvolvimento. As escolhas podem estar entre um futuro disperso e insustentável, dividido e receoso, individualista e fragmentado, ou um futuro mais diverso e inclusivo, mais criativo e dinâmico, mais plural e cosmopolita. Um futuro com mais *synoikismus*.

Maria de Lourdes Pintasilgo escreveu um dia<sup>6</sup>: «Num contexto de absolutos plurais e com uma noção de organização social que envolve uma pluralidade de actores, o acto político implica hoje uma radical inserção nas leis que estruturam o mundo. Para haver respostas adequadas e pluriformes às cada vez mais complexas relações entre as pessoas e a sociedade e, assim [...] fazer nascer o turbilhão estável das coisas. [...] Para que transformemos o descentramento em realidades fractais coerentes com a forma que lhes dá origem. Para que façamos a viagem no interior do caos em que nos tornámos».

A Lisboa de amanhã será (tal como foi a Lisboa de ontem e tal como é a Lisboa de hoje) um território de paradoxos, de diálogos e de conflitos, de construção e de desconstrução. Será assim natural que nela – sobretudo nela – se desenvolvam processos e projectos, nos seus tempos e nos seus espaços, em reflexão crítica e em acção estratégica, para a interacção e a emancipação social, para o desenvolvimento económico e cultural, para novas formas de pensar a política e a sociedade. Contendo obviamente racionalidades de planeamento e de laboração, mas abertas à energia e à criatividade emanadas pela própria cidade. Um novo tipo de iluminismo, positivista ainda certamente, social e economicamente emancipador decerto, mas que, ao sobrevalorar a pólis, se encontre fundado nas «emoções activas» que Espinosa definiu como as que podem ser compreendidas pela razão. Nesse particular, Lisboa é território por excelência das nossas mais activas emoções. Existem certamente muito boas razões para seguir em frente.

## Referências

1. FRANÇA, J.-A., *A reconstrução de Lisboa e a arquitectura pombalina*, Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1976.
2. *Metapolis – Acerca do Futuro da Cidade*, Oeiras: Celta Editora, 1998.
3. A figura mitológica da Hydra, um ser criado pela deusa Hera, surge no âmbito do segundo desafio de Hércules. O herói do Peloponeso deve aniquilar um monstro que cresce de forma exponencial numa planície outrora fértil, espalhando-se em grande velocidade pelo território por longos braços e múltiplas cabeças. Hércules acaba por conseguir o seu intento através da única forma possível de ferir o monstro de morte: atingindo-o certamente, na sua cabeça central.
4. *O Fascínio da Cidade – Memória e Projecto da Humanidade*, Lisboa: Edições Ler Devagar, 2004.
5. *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico* (4.ª ed.), Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1980 (cit. André Siegfried).
6. Revista *Visão*, 10 de Janeiro de 2002.